

A FOLHA

Nova Iguaçu, 8 de setembro de 1974

Foi Bolão ou Atestado de Fracasso?

— «Ganhei no bolão!» Esta foi a exclamação de alegria do funcionário público José Sebastião da Silva, ao saber no Cartório do Segundo Ofício que seu casamento fora um entre as dezenas que a escrevente Celi Ribeiro deixara de anotar no livro de registros, não tendo portanto validade. Comprovou-se até ontem que 70 casamentos estão nesta situação e suspeita-se que ocorra o mesmo com mais 600. Centenas de pessoas têm vindo diariamente de vários pontos do Estado de Pernambuco para saber de seu estado civil. Alguns, como José Sebastião, para apanhar certidões que comprovam a inexistência do casamento...» (Globo 7/5/74).

«De repente, o casal percebe que a lua-de-mel acabou. Até que um dia a bomba explode e o casal passa a falar em rompimento definitivo. Em 1968, cerca de 7 mil casais com os mesmos problemas de José Sebastião e sua mulher encontraram como única solução o desquite. Nesse mesmo ano, em todo o Brasil, houve 400 mil casamentos. Mas apenas na Guanabara, em 1973, ano em que se realizaram 30 mil casamentos, o número de desquites quase atinge a casa dos 10 mil. Em todos os grandes centros urbanos, o gráfico da desarmonia conjugal tende a subir. Apesar de tudo, esses números são amenos, em comparação com os registrados nos EUA: lá, em um ano, passam pela pretoria 2 milhões de casais, enquanto que 600 mil se divorciam.

Para os pessimistas, os números provam que matrimônio é instituição obsoleta. O psiquiatra americano J. Lederer defende a necessidade de se manter íntegro o costume de uma união duradoura e aponta algumas razões que foram confirmadas estatisticamente: As pessoas bem casadas têm mais saúde e vida mais longa em relação àquelas infelizes no casamento. Possuem padrão de vida mais alto. Seus filhos tendem a ser felizes no casamento, gozam de melhor saúde, fogem de casa menos freqüentemente.

Então qual a razão de tantos fracassos conjugais? Lederer cita 4 motivos principais: 1) A ingenuidade

dos noivos em ver o casamento como paraíso, onde o amor destruirá qualquer barreira. 2) O mito de que as pessoas se casam porque se amam. Na verdade, se casam para atender às suas necessidades sexuais, por se sentirem sós ou são levadas por um sentimento de independência. Raramente o amor é o impulso básico. 3) Muitos casamentos são destruídos pela competição entre os costumes trazidos da família pela noiva e os que o noivo herdou do seu meio de origem. Cada um leva um tipo de comportamento adquirido durante a infância e tenta impô-lo, gerando conflitos. Inconscientemente ambos começam a imitar nos gestos, no tom de voz, nos argumentos, alguém da própria família: o pai e a mãe por exemplo.

E então? As experiências fundamentais tiradas pelo Dr. Lederer de toda a sua experiência em lidar com problemas conjugais: 1) Os noivos devem fazer questão de revelar integralmente sua personalidade. Isso implica em serem absolutamente sinceros em suas manifestações emocionais. Exige grande esforço e visão realista, pois, quando uma pessoa pensa estar amando, sua mente fica obscurecida e pouco objetiva. Ela pode estar encenando, camuflando seus defeitos e jamais reconhecer isso. 2) Noivos ou casados precisam convencer-se de que é impossível controlar ou dirigir o comportamento do companheiro. Ninguém pode brincar de Deus no casamento. As mudanças de personalidade ou de atitudes devem surgir voluntariamente, através da compreensão de que às vezes é preciso ceder e da vontade de querer ver feliz o marido ou a mulher. Desse relacionamento, capaz de sacrifícios voluntários, e absoluto respeito pelo modo de ser do outro é que nasce o verdadeiro amor» (Realidade 05/74).

Pelo visto, felicidade é troço bem mais complicado do que uma idazinha ao Cartório do Segundo Ofício e depende de bem mais do que se um registro de casamento foi lavrado ou não. O que José Sebastião ganhou, em vez de bolão, pode ter sido o atestado de fracasso.

CATABIS & CATACRESES

Não Acompanha, por isso Esbraveja

1. Comentando a profusão de crachás, diplomas, títulos, comendas, etc., o doutor indignado com razão aconselha (Jornal do Brasil 22-03-74): "Se todos ajudarem, a bajulação pode sair de moda." Ajudam não, doutor, bajulação é a coisa mais gostosa do mundo, sabe?

2. Uma do Lance Livre (Jornal do Brasil 12-03-74): "Tudo indica que está sendo estabelecida alguma seriedade no uso de condecorações. Este ano ainda não apareceu ninguém na casa do ex-governador Negrão de Lima pedindo crachás emprestados para a festa de sexta-feira." O engano dalma ledo e cego!

3. Verificação: "O bom político naturalmente é aquele que tem sempre bastante dinheiro" (Veja 10-07-74). Meu Deus, que franqueza!

4. O global teólogo (O Globo 06-07-74), no auge de sua infalibilidade: "No Brasil é notória a simpatia da CNBB pelos comunistas e a hostilidade sistemática contra os governos de depuração." Catabi de quem não acompanha, e por isso esbraveja.

5. Provérbio da semana: "Caititu fora da manada cai no papo da onça". O qual provérbio vai de encontro ao gosto da onça.

6. "Evidentemente era feliz; e talvez não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintém no bolso. Mas ia feliz e contemplava as botas. A felicidade será um par de botas?" Essa é do Dr. Machado de Assis (Último Capítulo) a respeito do Matias Deodato de Castro e Melo. Conhece Machado, leitor?

IMAGEM NO TÁXI PASSAGEIRO

1. Sou passageiro no táxi: apenas uma corrida e passo. Passo sem deixar vestígio, amorfo e anônimo passageiro num encontro eventual com um motorista amorfo e anônimo. Eu passo, ele passa. Daí por que também é passageiro esse táxi mal cuidado e gigante, que sem respeito nem moral dribla pedestres (sai daí, diabo!), dribla carros (raça desgraçada), dribla guardas (milicos safados), dribla leis de trânsito (besteira), dribla Deus (sei lá!), numa corrida louca, desesperada, sem sentido, atrás de quê?

2. No sinal vermelho pára, resmungando, soltando palavrões, devorando com os olhos e o ser todas as mulatas que passam no seu curto horizonte, que o negócio é mulher, mulher boa, mulata, o resto é besteira, só trabalho porque não tem jeito, isso é vida de cachorro e o resto. Loteria esportiva? Responde que sim, toda semana, até tirar a bolada. Quinze milhão! Pra quê? Pra quê! Jogo fora essa meleca. Compra uma casa, quero dizer: mansão, um duplex na Vieira Souto? Nada disso. O negócio é gozar a vida.

3. E explica: não vai comprar duplex nem mansão. Vai sim morar em hotel, hotel grã-fino, servido de tudo na cama, sem esforço, sem suar, vivendo só de juro, sobretudo sem trabalhar, que isso de trabalho é uma desgraça. Mas viver em hotel deve ser chato. Não senhor, um mês neste, um mês naquele, passando do bom e do melhor, gozando, muita mulher, muito divertimento, pagando gorjeta milionária, sabe? pra todo mundo me servir, que chega de eu servir todo mundo. Mais um palavrão. E chegamos. E passamos. Tchau! (A. H.).

Nacionalismo

Um oásis chamado Brasil — Capital estrangeiro e desenvolvimento — Salário mínimo e educação — Nacionalismo?

A FOLHA:

A leitura das secções econômicas de jornais e revistas, tem-se a impressão de que aumenta cada vez mais a influência do capital estrangeiro na economia e nas finanças, na indústria e no comércio. Como é que o Sr. considera este fenômeno? Em situações tais não se deveria apelar para um sadio nacionalismo?

D. ADRIANO:

Já se disse que o Brasil hoje em dia é um oásis de paz e por isso a meca do capital estrangeiro. Em todos os tons se louva no estrangeiro a lucratividade do capital investido no Brasil.

Ninguém pode hoje escapar à influência dos outros povos. Influência cultural, política, econômica e militar. Mais do que em tempos antigos, o nosso mundo está hoje confiado às duas superpotências que são os Estados Unidos e a Rússia. Mesmo grandes países desenvolvidos como a Alemanha e França, Inglaterra e Japão não podem escapar totalmente à influência das duas superpotências e de suas ideologias. Em escala menor, certo, a invasão do capital estrangeiro e a influência crescente das empresas multinacionais são fatos indiscutíveis, também nesses povos.

No Brasil, a política do desenvolvimento — que em si é justa e sadia — tem levado a concessões que, pelo menos aparentemente, parecem exageradas. Haverá outras opções? Haverá outros caminhos? Não deverá ser esse o alto preço que nosso país tem de pagar para deixar o nível de subdesenvolvido e chegar ao seu lugar no mundo moderno?

O lamentável no nosso esforço de desenvolvimento é a falta de integração das grandes massas. Não há dúvida de que o aumento do Produto Nacional Bruto significa melhoria, mas a distribuição das vantagens não atinge todos os brasileiros. Tem-se a impressão de que o desenvolvimento fica restrito a uma faixa muito limitada de cidadãos.

Basta ver o chamado salário mínimo. Em termos de cruzeiros tem aumentado. Mas só nominalmente. Hoje em dia, o salário mínimo vale menos do que há dez ou mesmo cinco anos. O Produto Nacional Bruto tem aumentado espetacularmente. Aumentam as exportações. Aumentam os saldos. E o povo continua sobrevivendo por milagre. As grandes obras, como a Transamazônica, como a ponte Rio-Niterói, as estradas, os aviões superjatos, etc., tudo isto não contribui (pelo menos ainda não contribui) para uma vida mais humana e mais digna.

Basta ver o importantíssimo setor da educação. Investir em educação é investir a médio e longo prazo. Também será difi-

cil avaliar devidamente os lucros de qualquer investimento em educação. Apesar do crescimento espetacular do Brasil, temos de ouvir verdades como estas: "Professores abandonam carreira: salário baixo" (O Globo, 09-05-74). Ou: "Diretora do MEC diz que quatro milhões de crianças de sete a quatorze anos estão sem escola" (Jornal do Brasil, 04-05-74). Ou: "MOBRAL diz que apenas dois terços das crianças de sete a quatorze anos frequentam escola" (Jornal do Brasil, 08-07-74).

A confissão clara do fracasso total de nosso sistema de educação está, por exemplo, no fato de que o MOBRAL — instituído para a alfabetização rápida dos adultos — pretende alargar sua faixa de atuação a crianças e adolescentes, cinco milhões de crianças dos nove aos quatorze anos. O que sairá daí? O Jornal do Brasil (14-07-74) em lúcido editorial sob o título de "Mobral realimentado" escreve: "Com esta iniciativa (refere-se ao Mobral infante-juvenil) o MEC reconhece a falência do ensino básico. A falência, na faixa até os quatorze anos, de um ensino supostamente obrigatório, mas no qual, segundo revelou há dias o Mobral, apenas 9% dos alunos com matrícula no fim de 1970 vieram a completar os cinco anos correspondentes ao outrora denominado curso primário." E mais adiante: "Um movimento que surgiu, em forma de campanha nacional, para sanar uma anomalia que é a dos adultos analfabetos, vê o seu programa estender-se a perder de vista, no horizonte cada vez mais largo das falhas educacionais incidentes na educação básica. Nossa educação, em sua fase inicial, produz analfabetos que o Mobral irá encontrar adiante."

Nesta situação não há nacionalismo sadio que se imponha. Os problemas existenciais — trata-se de salvar a vida — não permitem que o homem cresça integralmente, tome iniciativas corajosas, crie alguma coisa nova. O vácuo será preenchido de qualquer maneira. Os capitais estrangeiros estão preenchendo o vácuo. Mas teremos então verdadeiro desenvolvimento?

A FOLHA

Ano 2 - 08 de setembro de 1974
Nº 117

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

PARA você participar do CULTO DOMINICAL

8 de setembro de 1974 — 23: domingo do tempo comum

Jesus conservou até o fim o apoio entusiasmado da multidão galiléia. Entusiasmado até certo ponto irracional. Julgavam que a viagem a Jerusalém seria a marcha triunfal do Messias e eles queriam estar presentes, a fim de participar no triunfo. Com uma honestidade sem concessões, Jesus os desilude: sua missão em Jerusalém era específica e perigosa e precisava não de espectadores mas de recrutas, homens de lealdade indivisa e calculada pertinácia. Odiar pai e mãe não significava, nos lábios de Jesus, o que a palavra expressa para a cultura ocidental. A mentalidade semítica joga sempre com extremos: luz e treva, verdade e falsidade, amor e ódio, cores definidas sem matizes intermediários. O modo semítico de dizer: "Prefiro isto àquilo" é "Amo isto e odeio aquilo". Assim, aos seguidores de Jesus, odiar a família significava dar à família um segundo lugar em suas afeições. Laços de parentesco não têm direito de interferir no compromisso absoluto com o Reino. As parábolas do construtor e do rei não foram contadas para afastar possíveis discípulos, mas para admoestar que tornar-se discípulo é o compromisso mais importante que um homem pode assumir. Por isso é preciso calcular tão bem como se calcula nos negócios e na política. Ninguém é alçado ao Reino na crista da onda de uma emoção: é preciso caminhar para lá na base da deliberação e da clarividência.

1. CANTO DE ENTRADA (Long-play ÁGAPE — Ed. Paulinas)

Bem-vindo, bem-vindo, meu irmão, à casa de oração,

Bem-vindo, bem-vindo, meu irmão, à casa do Senhor!

É bom estar aqui mais uma vez pra louvar e agradecer o nosso Deus.

Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia!

Teu povo se reuniu, Senhor, teu povo se reuniu,

Teu povo se reuniu pra louvar teu nome santo e viver a tua paz.

Teu povo se reuniu, Senhor, teu povo se reuniu,

Teu povo se reuniu para ouvir a tua voz E lembrar o teu amor e o mundo saberá Que somos povo de paz, povo do Senhor.

2. SUGESTÕES PARA O ATO PENITENCIAL

Onésimo, escravo do cristão Filêmon, foge do cativo e se refugia perto de Paulo. O apóstolo o manda de volta com carta de recomendação: Filêmon o receba não como escravo mas como irmão em Cristo. A primeira leitura fala dos planos indezíveis de Deus. Nosso corpo é matéria que puxa o espírito para baixo. A morada terrestre prende aqui embaixo o nosso espírito e o sobrecarrega de preocupações. Preocupações pela garantia material, que é falsa. Tal preocupação nos leva a explorar e nos aproveitar dos outros. Assim não procede aquele que possui o Espírito de Deus e está aberto para a Sabedoria de Deus. Para qual dos

dois lados está dirigido o nosso espírito?

3. CONFISSÃO DOS PECADOS

4. PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

Glória, glória, glória, aleluia,
Ao Deus que é nosso Pai e Senhor!
Vamos viver no seu amor!

5. ORAÇÃO

Ó Deus, Pai de bondade, que nos redimistes e adotastes como filhos, concedei aos que crêem no Cristo a verdadeira liberdade e a herança eterna.

6. I LEITURA

Nosso espírito é puxado para baixo pela matéria e por isso não entendemos os caminhos de Deus. Para entender os caminhos de Deus é preciso estar conscientemente aberto às inspirações do Espírito Santo.

Sab 9,13-19: "Que homem pode conhecer os planos de Deus e penetrar nas determinações do Senhor? Inconstantes são os pensamentos dos mortais e incertas as nossas maneiras de pensar. O corpo da corrupção torna a alma pesada e a morada terrestre oprime o espírito com toda espécie de preocupações. Mal conseguimos compreender o que está sobre a terra e dificilmente conhecemos o que está ao alcance de nossas mãos. Por isso quem pode descobrir o que se passa no céu? E quem há de conhecer as vossas intenções, se não lhe dais a sabedoria e se, do mais alto dos céus, não lhe mandais o vosso Espírito? É por causa disso que se tornaram direitos os caminhos dos que se encontram na terra. Os homens aprenderam as coisas que vos agradam e foram salvos pela sabedoria". — Palavra do Senhor.

7. II LEITURA

Paulo recomenda que o cristão Filêmon mude de mentalidade, não escravize mais os seus escravos e os trate como irmãos. Flm 9b-10.12-18: "Meu querido: eu, Paulo, representante de Jesus Cristo e agora também prisioneiro por causa dele, peço a vocês em favor de Onésimo, que agora é meu próprio filho em Cristo. Quando eu estava na prisão, tornei-me seu pai espiritual. Ele era antes imprestável para você, agora é útil a você e a mim. Eu o estou mandando de volta a você e com ele vai o meu coração. Gostaria de conservá-lo aqui comigo, enquanto estou nesta prisão por causa do evangelho, para que ele pudesse me ajudar em lugar de você. Mas não quero que você se sinta obrigado a me ajudar; ao contrário, gostaria que você fizesse isso de livre e espontânea vontade. Só ficarei com ele se você estiver de acordo. Pode ser que Onésimo tenha se afastado de você por algum tempo, a fim de você tê-lo de volta para sempre. Agora ele não é mais apenas um escravo, mas muito mais que isto: um querido irmão em Cristo. Realmente ele é muito querido para mim. E para

você, deve ser mais ainda, como escravo e como irmão no Senhor. Assim se você me considera seu amigo, acolha Onésimo de volta como se estivesse acolhendo a mim. Se ele deu algum prejuízo a você ou lhe deve alguma coisa, ponha isso na minha conta". — Palavra do Senhor.

8. CANTO DE ACLAMAÇÃO

Meu Deus me fala sempre aonde eu estiver,

Sua palavra tem amor e o que ele diz me faz feliz,

A palavra do Senhor tem sentido, eu vou ouvir a palavra do Senhor.

9. III LEITURA

Nem os laços mais queridos têm direito de interferir no compromisso absoluto com o Reino de Deus. É preciso calcular a participação neste Reino como se calcula nos negócios e na política.

Lc 14,25-33: "Jesus voltou-se para a enorme multidão que o acompanhava e disse: "Se alguém vem a mim e não odeia pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e a própria vida não pode ser meu discípulo. Aquele que não toma a sua cruz para vir atrás de mim não pode ser meu discípulo. Se alguém de vocês está pensando em construir uma torre, primeiro senta e calcula quanto vai gastar, para ver se o dinheiro dá. Do contrário, lança os alicerces e não pode terminar a obra. Aí vão caçar dele: 'Este homem começou a construção e não terminou!' Se um rei, que tem dez mil soldados, vai partir para combater outro que vem contra ele com vinte mil, primeiro senta e resolve se está bastante forte para enfrentar o outro. Se não fizer assim, tem de mandar mensageiros enquanto o outro rei ainda está longe, a fim de combinar as condições de paz. Assim nenhum de vocês pode ser meu discípulo se não preterir todos os outros bens". — Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

11. SUGESTÕES PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS

O Reino de Deus é preocupação tão fundamental que não admite média. Nele é ineficaz o segundo lugar dos nossos cuidados. Para construí-lo é que viemos a este mundo. Dentro dele não estamos ainda, quando estamos apenas excitados pelas emoções, nem que sejam emoções religiosas. O trabalho dele é tão sério e absorvente que é preciso entrar de consciência clara e fria, como quem vai resolver grandes negócios. Elevemos as preces, para deixarmos de entender o cristianismo como emoção religiosa inconsequente.

- Pelos seres humanos indefesos que são explorados e escravizados pelos espertos.
- Para que os exploradores do ser humano reconheçam a futilidade dos seus caminhos.

- Pelos discípulos de Cristo que sofrem as conseqüências de sua luta pela justiça.
- Para que entendamos fé cristã como compromisso assumido e não como emotividade inflamada.
- Para que o despertar da fé dos cristãos não se dilua em catolicismo festivo.
- Para que Deus nos dê a sabedoria para conhecermos e nos engajarmos em seus planos.

12. CANTO DAS OFERTAS

Minha vida tem sentido cada vez que eu venho aqui

E te faço o meu pedido de não me esquecer de ti.

Meu amor é como este pão que era trigo que alguém plantou, depois colheu

E depois tornou-se salvação e deu mais vida e alimentou o povo meu.

Eu te ofereço vinho e pão, eu te ofereço o meu amor.

Minha vida tem sentido cada vez que eu venho aqui

E te faço o meu pedido de não me esquecer de ti.

Meu amor é como este vinho que era fruto que alguém plantou, depois colheu

E depois encheu-se de carinho e deu mais vida e saciou o povo meu.

13. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Ó Deus, fonte da paz e da verdadeira piedade, concede-nos por esta oferenda render-vos a devida homenagem, e fazei que nossa participação na eucaristia reforce entre nós os laços da amizade.

14. CANTO DA COMUNHÃO

Eu tinha fome, fome de amor, e meu Deus me alimentou.

Eu tinha sede de compreender e meu Deus me saciou.

Eu acredito que Jesus é nosso irmão e, pra poder ficar conosco,

Ele aceitou parecer pão.

Eu acredito que Jesus é o caminho e, pra poder amar o povo,

Ele aceitou parecer vinho.

Eu acredito nas palavras de Jesus que, por amar a humanidade,

Foi pregado numa cruz.

Eu acredito que Jesus é meu Senhor, com ele eu me identifico

E estou vivendo o seu amor.

Eu acredito que Jesus é nosso Deus, o Pai nos deu seu próprio Filho

Por amar os filhos seus.

Eu acredito neste Reino de perdão e, ao receber seu corpo e sangue, Penso mais no meu irmão.

15. ORAÇÃO FINAL

Ó Deus, que nutris e fortificais vossos fiéis com o alimento da vossa palavra e do vosso pão, concedei-nos, por estes dons do vosso Filho, viver com ele para sempre.

16. CANTO FINAL

Eu vou voltar à cidade secular

E vou levar a paz que pude receber, Vou proclamar na cidade secular

Que nada satisfaz senão a tua paz.

A tua paz tem mais amor, o teu amor tem mais perdão,

Não quero a paz que só se faz, depois que o irmão matou o irmão.

A paz que o teu amor deixou me ensinou a perdoar,

A paz que o mundo me legou não tem amor pra me ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: 1Cor 5,1-8; Lc 6,6-11 /

Terça-feira: 1Cor 6,1-11; Lc 6,12-19 /

Quarta-feira: 1Cor 7,25-31; Lc 6,20-26 /

Quinta-feira: 1Cor 8,1b-7.11-13; Lc 6,27-

Sexta-feira: 1Cor 9,16-19.22b-27; Lc 6,39-42 /

Sábado: Flp 2,6-11; Jo 3,13-17.

PARA A SUA REFLEXÃO:

A Fotografia de Cristo incomoda muito menos

Na igreja de Saint-Sulpice, 43 habitantes de Castelnau-aux-Guers, humilde vilarejo do sudoeste da França, estavam reunidos para a missa solene da sexta-feira da paixão deste ano. De repente, um grito agudo do padre François Caucanas interrompeu o silencioso recolhimento da cerimônia: "É Ele, é o Cristo. Venham vê-lo!", exclamava o agitado sacerdote, apontando para uma pequena peça de pano que cobria o cálice e que refletia um rosto curiosamente familiar, pálido, o olho esquerdo ligeiramente inchado e entreato e o olho direito fixado severamente no padre e nos perplexos paroquianos...

A única praça da cidade foi assaltada por uma ruidosa legião de vendedores de cartões postais, de rosários e de quinquilharias que glorificam a oportuna aparição do Cristo de Castelnau. Os turistas já levaram todas as modestas peças de culto que a igreja possuía, consumiram todas as velas disponíveis e litros de água benta. "Eles em breve retalharão as minhas calças para fazer relíquias", queixa-se o desconsolado padre François. Enquanto isso, numerosas caravanas de peregrinos e curiosos vêm chegando de outras partes da França, da Bélgica, da Itália e da Suíça.

O misterioso fenômeno iria inevitavelmente despertar a atenção dos cientistas e arrancar deles as primeiras suposições para o anunciado milagre. Alguns psicólogos perceberam imediatamente que o povo de Castelnau há muito tempo vinha alimentando uma particular devoção pelo santo sudário e sugerem que, em meio à solene atmosfera da sexta-feira santa, os fervorosos fiéis acabaram sucumbindo ao poder da auto-sugestão. A polícia local investiga, por outro lado, a possibilidade de fraude: que alguém tenha, por breves momentos, projetado um dispositivo com o rosto de Jesus, a partir de algum ponto atrás do altar. Os bispos da região chegaram a fechar a igreja por uma semana para desencorajar os turistas.

Há porém 30 ansiosos paroquianos que insistem em proclamar que presenciaram a visão, embora sua descrição va-

rie. Alguns acrescentaram ao traumatizado rosto de Cristo uma coroa de espinhos, outros falam em lágrimas caindo dos olhos. Apesar de a própria Igreja estar promovendo cuidadosa investigação de rotina sobre o caso, as indicações levam a crer que tudo será esquecido. Para os denodados paroquianos, pouco importa: eles sabem bem o que a visão significa: Cristo apareceu para ameaçar o pároco, que se recusa obstinadamente a introduzir, no seu reduzido feudo apostólico, as modificações litúrgicas sugeridas pelo Concílio. Filho de um jardineiro, dividindo exíguo espaço do quartinho em que vive com oito agitados gatos, padre François ainda celebra a missa em latim e insiste em que seus fiéis recebam a comunhão de joelhos; se alguém ousa esticar o braço para pegar a hóstia, recebe apenas um exemplar apertado de mão" (Veja, 29/5/74).

O evangelho fala hoje na viagem de Jesus a Jerusalém. Juntou-se a ele numerosa multidão de gente de toda espécie, pensando que Jesus estava indo para assumir o poder e, claro, a turma não queria ficar de fora das vantagens. Acontece que aquela viagem ia terminar no Calvário. Jesus voltou-se para o povo e falou: "Se alguém vem a mim e não odeia pai, mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e mesmo a própria vida não pode ser meu discípulo. Aquele que não toma a cruz e não vem após mim não serve para ser meu discípulo... Qualquer um de vocês, se não renunciar a todos os bens, não serve para ser meu discípulo".

Parece que, no radicalismo evangélico, é preciso renunciar até ao doce bem de uma consoladora aparição do Meigo Nazareno na sexta-feira santa, porque a viagem sem curvas e retrocessos é na direção dos tribunais de Herodes e Pilatos e da execução na cruz dos criminosos comuns. Aí a turma recua e prefere ficar na espera de outros carnavais. Eis o Cristo na minha frente o dia todo e eu prefiro mil vezes me agitar com a fotografia projetada, seja donde for.